

**EROS E THANATOS E A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA COMO
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM ANA-NÃO, DE AGUSTÍN GÓMEZ-ARCOS**

Eros and Thanatos and the representation of memory as construction of identity in Ana No,
by Agustín Gómez-Arcos

Carolina PIOVAM
Universidade Federal de São Carlos
piovamcarolina@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5773-9020>

RESUMO: O presente artigo propõe analisar o romance *Ana-Não*, obra do escritor espanhol Agustín Gómez-Arcos, por meio da perspectiva psicanalítica. O contexto histórico no qual se passa a diegese, qual seja de pós-Guerra Civil Espanhola (1939-1975), é de grande importância para a compreensão dos acontecimentos repressivos operados na vida da protagonista, que terá enfoque na análise deste estudo. Para isso, serão trabalhadas as questões referentes às pulsões de vida e de morte, bem como a memória freudiana analogicamente com a constituição da identidade da protagonista, a qual sofre por conta das consequências da guerra a transformação de Ana Paúcha em uma Ana-Não resignada para uma Ana-Não obstinada até encontrar no Norte da Espanha a sua própria morte.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura espanhola; Psicanálise; Pulsão de vida e de morte; Memória.

ABSTRACT: The present paper aims to analyze the novel *Ana-No*, the writer's Spanish Agustín Gómez-Arcos, by means of psychoanalytic perspective. The historical context of which happen the narration, which be post-civil war Spanish (1939-1975), is of great importance to be understanding the repressive events operated in the protagonist's life, which will focus on the analysis of this study. For this purpose, will be worked the questions relating the drives of life and death, as well the Freudian memory analogy with the constitution of the identity of the protagonist, who suffers because of the war of the consequences the transformation in an Ana Paúcha from a resigned Ana-No to an obstinate Ana-No until she met her own death in the North of Spain.

KEYWORDS: Spanish Literature; Psychoanalysis; Pulse of life and death; Memory.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a personagem do livro *Ana-Não*, escrito pelo espanhol Agustín Gómez-Arcos, focalizando o percurso de viagem da personagem central Ana Paúcha, bem como as transformações ocorridas na vida desta a partir de um viés psicanalítico com o intuito de trabalhar, por meio das questões relacionadas às pulsões de vida e de morte, bem como da memória, à luz de Freud, a construção da identidade da protagonista.

O espaço pelo qual Ana Paúcha percorre, por ser bastante significativo para pensar a respeito da vida da personagem a partir dos propósitos psicanalíticos, está inserido em um tempo de pós-Guerra Civil Espanhola, contexto que possui grande relevância para entendimento da própria diegese, e, mais particularmente falando, da personagem, que, no decorrer de sua viagem do Sul ao Norte da Espanha, e através do constante retorno às suas memórias, denuncia as consequências que a guerra ocasionou em sua vida, esta que foi, em suma, uma vida de morte.

Partindo disso, é possível afirmar que *Ana-Não* é uma representação artística da história de muitos que sofreram com as consequências atrozes deixadas pela Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e, posteriormente, pelo regime ditatorial de Franco (1939-1975), um dos responsáveis pela existência de muitas “Anas Paúchas”, mulheres, esposas e mães “vencidas”, na Espanha. Vale aclarar que esta nomeação de “vencida” se relaciona àqueles e àquelas que sofreram com a derrota dos Republicanos, isto é, do movimento esquerdista da Frente Popular que lutava contra os Nacionalistas, os adeptos ao franquismo, e foram vencidos por este governo opressor, o qual imperou por muito tempo.

É neste contexto histórico-político que é narrada a vida da personagem central Ana Paúcha, a qual viveu grande parte da sua vida em um povoado costeiro de Andaluzia, Sul da Espanha. Perdeu o marido e dois de seus três filhos na guerra, sendo que o terceiro, o mais novo, está em prisão perpétua no País Basco, localizado no extremo Norte espanhol.

Depois da perda de seus familiares, Ana passou trinta anos sozinha, em luto, até os 75 anos, quando sentiu a morte se aproximar. Esse evento foi decisivo para que ela deixasse o povoado a fim de ver pela última vez seu único filho vivo na prisão. Possuidora da condição de pessoa extremamente humilde, de quem levava uma vida simples, nunca havia saído antes da sua aldeia. No entanto, assim que sentiu que o fim de sua vida estava próximo, vestiu a coragem

e partiu para a viagem rumo ao Norte, e mesmo com pouco dinheiro decidiu ir a pé de um oponente espacial a outro, seguindo as linhas férreas.

Ao final, ela conseguiu chegar ao tão almejado Norte, porém recebeu a notícia de que seu filho havia falecido, e com isso acabou sucumbindo ali mesmo e sendo enterrada em uma vala comum, da mesma forma como seu filho fora enterrado e todos os outros demais presos republicanos.

Para mergulhar resumidamente na narrativa e sua contextualização, é de grande valia ver o que fala Manuel Jesús Alacid García (2012, p. 40-41), acerca de *Ana-Não*:

En esta novela, la memoria sobre la representación del franquismo y los estragos de la Guerra Civil vuelven a estar presentes. La narración cuenta el periplo de una anciana hacia el norte de España ya hacia la muerte. Narrada desde una tercera persona, al modo del “narrador con”, se muestran todos los elementos perversos del régimen franquista. Ana Paucha, que vive en un pueblo costero de Andalucía, pierde a dos de sus tres hijos y a su marido en la Guerra Civil; el tercer hijo, el pequeño, Jesús, es encarcelado a perpetuidad en el norte del país. Cuando la muerte se acerca, aparece en la novela como voz que habla a la protagonista, siente la necesidad de ir ver a su hijo. No tiene dinero para el viaje, decide hacerlo a pie, siguiendo las vías del tren. Conoce a un ciego que, al modo de Tiresis o Max Estrella, ve más que la mayoría, y es a través de él que Ana verá la España franquista. Al final, le comunican en la cárcel que su hijo ha muerto y ella sucumbe sobre la fosa donde el pequeño está enterrado.

De acordo com a síntese do estudos, é possível verificar que o romance enfoca na vida da protagonista e em suas respectivas transformações, que serão analisadas a partir da perspectiva psicanalítica. Para isso, se fundamentará em- *Eros e a civilização*, de Herbert Marcuse (1982), obra que traz uma interpretação filosófica do pensamento de Freud, e que, assim, ajudará a refletir acerca dos conceitos das pulsões de vida e de morte, bem como questões relacionadas à memória, e analisá-los com acontecimentos ficcionais focalizados na vida da protagonista.

Freud (1969) trará propriamente em seu livro *O Ego e o Id e outros trabalhos* as questões relacionadas à memória com o capítulo *Uma Nota Sobre o “Bloco Mágico”*. García-Roza (2004), com *Impressão, Traço e Texto*, embasará as questões relacionadas à memória. Derrida (1995), em *Freud e a cena da escritura*, irá ajudar a pensar a respeito desta área focando os fatores relacionados à impressão, como também a importância da *repetição* nas vivências da protagonista. Por fim, Daisy Wajnberg (1997), trará em seu texto *A teoria da memória em Freud* a problematização relacionada à memória e identidade.

Desse modo, com um olhar psicanalítico debruçado no texto literário, serão identificadas e analisadas, na vida da personagem principal, as pulsões de vida e de morte, as quais apresentam a questão das forças que impulsionam acontecimentos da vida da protagonista. Além disso, tratar-se-á da memória, elemento construtor da identidade de Ana Paúcha.

EROS COMO PULSÃO DE VIDA E THANATOS COMO PULSÃO MORTE EM ANA-NÃO

A vida é movida por pulsões, e estas possuem forças opostas que precisam de um equilíbrio para que seja possível viver de forma coerente no meio em que se habita. De um modo geral, é plausível afirmar que toda a humanidade é movida por valores que existem por conta de seus contrários, e, além disso, formam um amálgama, misturam-se e coabitam um mesmo lugar.

De modo a ilustrar esta afirmação, é válido apontar a existência da polaridade entre bem e mal e amor e ódio, por exemplo. Tal polarização também fundamenta a sinergia entre vida e morte e o que a psicanálise chama de Eros, como sendo a pulsão de vida e Thanatos, como pulsão de morte.

Os conceitos Eros e Thanatos são metáforas que advém da mitologia grega. Eros é o deus do amor, aquele possuidor da força motriz da vida. Em contrapartida, Thatanos, é o deus da morte; logo, aquele que representa a ausência da vida. Segundo o pensamento freudiano, Eros pulsiona o desejo de conservação da vida orgânica da espécie, da autoconservação, e Thanatos tendencia a vontade de voltar para o estado inorgânico.

A fim de pensar acerca da questão de Eros, Marcuse (1982, p. 188, grifos do autor) diz que:

Sob condições não repressivas, a sexualidade tende a “tornar-se” Eros – quer dizer, à auto sublimação em relações duradouras e expansivas (incluindo relações de trabalho) que servem para intensificar e ampliar a gratificação instintiva. Eros luta por “eternizar-se” numa *ordem* permanente.

Diante do exposto, tem-se que Eros é aquele que se torna desejo sexual. Portanto, pensando a sexualidade como energia, Eros liga-se ao desejo de satisfação, de expansão e manutenção da vida, excluindo a ideia repressiva, pois esta é a força castradora do desejo e da pulsão de vida. Seja em termos pessoais ou nas relações sociais, como apontado acima acerca

da relação do trabalho, a repressão faz com que o desejo seja recalculado¹ e, consequentemente, elemento motivador da frustração, bem como da pulsão de morte.

De modo a pensar esta questão no romance *Ana-Não*, é possível perceber que o poder de castração em relação a Eros mediado pela violência, na narrativa, instaura-se socialmente, de forma primaz, com a representação da civilização espanhola no contexto histórico-político ditatorial e no qual habitava a protagonista Ana Paúcha. Outrossim, referente à repressão, ocorreu quando seus homens: marido e filhos lutaram contra os ideais totalitários de seu país e acabaram mortos, exceto o caçula que foi preso no extremo Norte espanhol. Estas repressões que partiram do nível social influenciaram diretamente o nível pessoal e castraram, ao longo de décadas, o desejo da personagem central de lutar pela conservação da vida.

Por conta disso, Ana Paúcha recebe do narrador o nome de Ana-Não. Ela passou a ser denominada assim, de fato e de direito, depois da guerra destruir a sua identidade de Ana Paúcha, bem como a sua vida e seu lar. O “não” se converteu em sobrenome representativo de ausência e a de solidão. A este respeito, ela mesma já como Ana-Não, conscientemente, diz “[...] minha solidão é um *não* grudado na minha pele como em outras se gruda uma identidade”. (Gómez-Arcos, 2006, p. 37). Esta catástrofe pessoal ocorreu:

No dia em que a guerra civil, por intermédio da República amada e respeitada, chamou seus homens, Pedro Paúcha [o marido] fumava calmamente o charuto à sombra da videira, rara tarde de repouso no pátio, e seus três filhos [João Paúcha, José Paúcha e Jesus, o menino], munidos dos respectivos instrumentos, se dirigiam à praia a fim de consertar o barco, ferido por um rochedo durante a tempestade de véspera. Esse ferimento já era um sinal. Pedro Paúcha apagou o charuto no chão, consumido pela metade; os três filhos não chegaram à praia: o rumor da mobilização geral, que enchia a praça da aldeia, fê-los arrepia carreira. O barco ficou furado. Temporariamente, pensara ela. Não, para sempre. Seu nome de amor *Anita, a alegria da volta* banalizou-se com o tempo. Ou foi uma ironia da sorte, pois não houve outra volta. Nem de alegrias, nem de lágrimas. Três mortos esquecidos numa vala comum. Anônimos. Um vivo esquecido numa prisão na outra ponta do país. Mais nada. (Gómez-Arcos, 2006, p. 21, grifos do autor).

Este fragmento literário denuncia a opressão sofrida por todos aqueles que, de um modo geral, assim como Ana Paúcha e toda sua família, pertenceram direta e indiretamente à ideologia republicana e lutavam contra os ideais autoritários de Franco. Foi a partir daí que se

¹ A fim de esclarecer o recalculo, Garcia-Roza (2009, p. 153) afirma que “no artigo *Die Verdrängung*, de 1915, Freud define o recalculo como o processo cuja essência consiste no fato de afastar determinada representação do consciente, mantendo-a à distância [...]. O objeto do recalculo não é [...] a pulsão propriamente dita, mas um de seus representantes — o representante ideativo — capaz de provocar desprazer em face das exigências da censura exercida pelo sistema pré-consciente-consciente”.

deu o motivo pelo qual a alegria da protagonista fora enterrada em uma vala comum com os seus homens, bem como cativa numa prisão, a dela, por não ter como se libertar do sofrimento, e a do filho a quem nunca mais vira.

Depois deste ocorrido, Ana Paúcha, portanto a já resignada Ana-Não, passou três décadas em luto pela perda dos seus. Neste longo período, Thanatos se sobrepõe a Eros, de modo que a pulsão de morte opera com muito mais latência que a pulsão de vida, uma vez que a existência da protagonista resumira-se em túmulos e prisão, ao invés de vida e libertação. A alegria da concepção da vida foi substituída pela morte:

Seu ventre. Concebeu três filhos. Três meninos. Ou melhor, uma prisão e dois túmulos. Disso se poderia concluir que seu ventre não tinha nada com a vida. É verdade que a engendrava. Isso, sim. Três vezes nove meses de canções, com efeito. Mas paria a morte. Trinta anos de luto. Ana-negra, isso já faz trinta anos. (Gómez-Arcos, 2006, p. 10).

É perceptível que a pulsão de vida já não se faz mais presente como quando Ana era mãe e esposa Paúcha. Ela, como Ana-Não, pariu a morte e isso é excruciente, até pelo fato da própria reflexão da personagem, pois, ela mesma “[...] dizia consigo, de que serve ter uma vida carregada de mortos se não podemos descarregar-lhes nos túmulos um pouco da nossa solidão?” (Gómez-Arcos, 2006, p. 26). Isto dito, nota-se que não há mais sentido para o instinto de viver, a morte a escraviza e, concomitantemente, é sua repressora, pois

Numa civilização repressiva, a própria morte torna-se um instrumento de repressão. Que a morte seja temida como constante ameaça ou glorificada como supremo sacrifício ou, ainda, aceita como uma fatalidade, a educação para o consentimento da morte introduz um elemento de abdicação da vida, desde o princípio – abdicação e submissão. Sufoca os esforços “utópicos”. Os poderes vigentes revestem-se de uma profunda afinidade com a morte; a morte é um símbolo da escravidão, da derrota. (Marcuse, 1982, p. 198, grifo do autor).

Sendo assim, a existência cheia de ausência, solidão e luto faz com que Thanatos cubra a vida, sobretudo a vida psíquica de Ana Paúcha, com a obscuridade autoritária da morte, de modo a certificar que a personagem realmente representa a negação da vida. Em tal processo, Ana Paúcha, mulher obstinada, converte-se em Ana-Não, resignada, uma representação do desprazer de viver devido à vida escravizada pela morte.

Em virtude disso, temos Eros como sendo o formador e impulsor da construção da vida da personagem central até o momento em que Thanatos se impõe com as mortes de seus amados e com o luto por esses eventos. Além do mais, Thanatos se destaca e a impulsiona à negatividade da existência até quando a morte propriamente dita atormenta a personagem e

paradoxalmente faz com que depois de três décadas ela desperte, por meio do desespero, o desejo de empreender a viagem rumo ao Norte da Espanha para ver, pela última vez, o seu único filho vivo Jesus e encontrar-se face a face com sua própria morte.

Com o despertar da inércia da solidão e do luto, Thanatos agrega valor à vida de Ana-Não não só como uma libertação consciente de seu fim, mas também como uma oportunidade de despir-se de toda sua dor por meio da viagem até o encontro entre elas, Ana-Não e a Morte, em outro espaço. Segundo Marcuse (1982, p. 197, grifo do autor), “[...] o instinto de morte opera segundo o princípio do nirvana: tende para aquele estado de “gratificação constante” em que não se sente pressão alguma.”.

A viagem para ver seu caçula, proporcionará, enfim, o que ela sempre buscara em sua existência, a libertação para sua dor, a ausência da pressão ocasionada pela dor da perda e a leveza para a sua vida, que sempre fora tão estigmatizada pela morte: a sua propriamente dita e a dos seus entes.

No percurso de viagem, apresentar-se-á a chegada da protagonista ao seu destino e o encontro com a morte do filho e com a sua própria morte-libertação. Por meio disso será possível conhecer a identidade da protagonista através da memória e das recordações que fazem dela sempre duas: Ana Paúcha, a portadora da vida e Ana-Não, a representação da morte.

A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DE ANA PAÚCHA E DE ANA-NÃO

Ana-Não é um romance no qual o narrador tem acesso livre sobre a vida e à memória da protagonista. Desse modo, é mostrado o universo interior desde a representação de Ana Paúcha antes da Guerra Civil Espanhola, bem como sua transformação em Ana-Não no pós-Guerra. Mesmo com essa divisão diacrônica opositiva da mesma personagem, concomitantemente tem-se um amálgama que se revela quando a protagonista empreende a viagem do Sul da Espanha ao extremo Norte do país. É a partir daí que se focaliza a representação da memória como construção de sua identidade.

Sobre a questão da memória, pensada por meio de um viés psicanalítico freudiano, Garcia-Roza (2004) aponta que “[...] a memória de que nos fala Freud é a memória do sistema ψ de neurônios, portanto, memória inconsciente.” (Garcia-Roza, 2004, p. 44). Desse modo, Freud (1969), em sua *Nota sobre o Bloco Mágico*, esclarece dizendo que “[...] nosso aparelho mental [...] possui uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante,

registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis.” (Freud, 1969, p. 286). Portanto, isto mostra que tudo o que é traçado, ou, pode-se dizer, escrito, no aparelho psíquico, fica registrado na memória, no inconsciente. E há outro “[...] fator responsável pela memória – a *repetição* – [...].” (Garcia-Roza, 2004, p. 60). Sendo assim, é necessário que haja esta repetição, a fim de fazer com que a memória se renove e seja possível reeditar o que já foi traçado, tornando atual a experiência vivida.

Acerca desta questão, Derrida (1995, 185-186, grifos do autor) assinala que:

A *repetição* não acrescenta nenhuma quantidade de força presente, nenhuma *intensidade*, reedita a mesma impressão: tem contudo poder de exploração. “A memória, isto é, a força (*Macfit*) sempre atuante de experiência, depende de um fator, que se chama quantidade de impressão, e da freqüência de repetição da mesma impressão”.

Como se nota, a memória é uma força sempre atuante e que ocorre com a repetição da impressão. Esta impressão sobre a qual se refere Derrida é aquela “[...] considerada por Freud como o momento primário da elaboração mnêmica [...] como correspondente psicológico da excitação, que é de ordem neurológica.” (Garcia-Roza, 2004, p. 53). Em linhas gerais, é coerente dizer que a memória é feita de traços, e que todo traço nasce de uma impressão, isto é, da excitação, da energia que é sentida por vias neurológicas. Por fim, estes traços são registrados na memória como linguagem, ou seja, como texto, construindo, portanto, a identidade da pessoa.

Sendo assim, a teoria do texto psicanalítico trabalha analogicamente com a questão do inconsciente no texto ficcional, pois vemos que na narrativa em estudo as experiências arquivadas na memória, as quais são revividas pela protagonista, fazem com que esta consiga, através da viagem e das relações com diversos acontecimentos e pessoas, encontrar sua identidade, a qual se dá pelo registro de todo fato passado e na construção de um presente-futuro no meio em que habita.

A saber, as impressões que estimulam o desenvolvimento do traço e a necessidade de Ana-Não encontrar forças para seguir a viagem que empreende é rememorar a sua vida de Ana Paúcha. Os estímulos que a impulsionam a seguir rumo ao tão almejado Norte concentram-se em quem lhe resta na vida, isto é, Jesus, seu filho caçula que está em prisão perpétua. Tal fato se apresenta quando ela se prepara a fim sair de sua casa para nunca mais voltar, pois:

O filho a espera. O menino. Foi para ele que confeccionou o pão de amêndoas, untado de azeite, com gosto de anis e bastante açúcar (um bolo, cuidava ela), o derradeiro

amassado por suas mãos de mãe. No mesmo ritmo que amassaram o primeiro, cinquenta anos antes. Com a mesma receita. Com a mesma alegria. Com o mesmo amor. Se não fosse assim, como saberia ela que a gente nasce para a morte como nasce para a vida, na inocência, no esforço? Não permitiu que o tempo lhe diminuísse a força das mãos padeiras. Cantava, sem dar por isso. Em seguida, apagou o forno, fez uma pilhazinha de cinzas, que despejou na estrumeira. Sem permitir a si mesma nenhuma reflexão. Como, por exemplo: “É a última vez que acendo e apago o meu forno”. Pois se tivesse refletido, nas últimas vinte e quatro horas, em cada um dos seus atos, a imagem da última vez se teria, sem dúvida, confundido com sua pessoa. Ana-último-sopro-de-vida. Ana-última vontade. (Gómez-Arcos, 2006, p. 9, grifos do autor).

A vontade de Ana-Não é estimulada pela pulsão de vida acessada por meio da rememoração, a qual a faz reviver uma vida de Ana antes da guerra. Se em algum momento ela parasse para refletir sobre si, indubitavelmente, a negatividade se sobressairia e a pulsão de morte iria invocar Ana-Não.

Com esta oscilação de identidade entre Ana Paúcha e Ana-Não, é visível que a protagonista não consiga encontrar-se como uma só, pois está constantemente, por um lado, vivendo em ambiente repressor no qual reafirma a negatividade presente em sua vida; e, por outro, a memória e as recordações que possui de um tempo não recalado é que a fazem, embora resignada, sobreviver.

Segundo Daisy Wajnberg (1997), através do pensamento freudiano, é possível notar pontualmente esta ideia relacionada à representação da memória em união com a identidade, em cujo excerto diz que:

Nesta mudança de identidade de percepção para a identidade de pensamento, regida pelo processo secundário, temos ao mesmo tempo um fator que, por linhas tortas, reedita um *leit-motiv* original, como também se afasta dele ao deslizar por representações cada vez mais distanciadas da primeira representação. O sujeito sempre buscará o enlace com o originário – a volta à lembrança da experiência de satisfação -, porém só poderá fazê-lo num percurso em que avança irremediavelmente para longe dela. (Wajnberg, 1997, p. 105, grifo da autora).

Dessa forma, analogicamente, pensando sobre o texto literário, vê-se que a protagonista, no decorrer de toda a viagem que empreende, com a finalidade de reinventar as suas energias para seguir em frente, sempre volta às recordações que lhe dão satisfação. Certamente, o tempo bom que há muito passou é reeditado como se fosse um remédio para sua dor e este processo de retorno é o desvio de sua identidade de percepção para a identidade de pensamento, visto que o desejo é de sempre voltar à origem, no entanto, isso só é possível ao experienciar novamente o que está arquivado na memória.

Deste modo, através do pensamento e da recordação, o passado é frequentemente renovado nos momentos em que a protagonista se depara com dificuldades em meio à viagem. Este é um dos exemplos de várias quebras que ocorrem com a cruel realidade da protagonista, e que, por meio da rememoração de Ana Paúcha, ela encontra uma força motivadora para a sobrevivência:

Uma recordação rasga-lhe, de repente, o negror da memória como um relâmpago. É Pedro quem diz:

- Estou bem como estou, Anita. Tenho mulher, três filhos, um barco. Vivemos agora numa República que todo mundo quis, escolheu. É o que se chama uma vida de homem. Uma vida cheia.

E ria-se ao beijá-la.

- Não te agrada ser alguém, afinal? Como qualquer outra pessoa no mundo?

Eles não eram ninguém. Sabe-o agora Ana Paúcha. Sacode a cabeça. Recusa a ceder as fraquezas da memória, que gostaria de fazer uma verdadeira personagem. Ana-Não. (Gómez-Arcos, 2006, p. 21).

Como se observa, a recordação apresenta-se, no primeiro momento, como um relâmpago, ou melhor, como uma corrente elétrica que surge em meio ao inconsciente repressivo, visto que ele se expõe como uma reedição de uma experiência cheia de boas energias, pois a fala do marido a remete para um tempo e a quem era Anita, uma mulher cheia de alegria. Todavia, no segundo momento, o narrador focaliza o instante em que a personagem retorna à realidade, de modo que a faz sentir como se este momento fugaz de alegria fizesse parte de uma ficção, porém, ao final, ela desperta, por mais uma vez, como Ana-Não.

A narrativa segue este curso entre a oscilação de pulsão de vida e morte e aos retornos às recordações até o momento em que a protagonista encontra, em suas andanças, Trinidad:

Um cantor cego, que toca violão, põe-se a arrulhar em surdina uma edificante história composta pelo cônego lírico a propósito de um pobre sujo socorrido por um rico limpo e generoso. Uma espécie de ironia subterrânea deforma as palavras da canção assim que lhe saem dos lábios [...] (Gómez-Arcos, 2006, p. 82).

Trinidad canta a ironia da bondade dos poderosos referentes à pobre Ana. Este é o momento em que as personagens central e secundária se conhecem e depois estreitam laços. O cantor cego tem importância ímpar na vida da protagonista, pois ele vai contribuir para a formação dela, de modo que a ensina a ler e a escrever.

A educação da personagem garantida pelo cego Trinidad, ex-soldado republicano, ocorre através das canções de protesto contra o franquismo e também com poesia que recitava para Ana. Este acontecimento proporciona à personagem a oportunidade de transformar-se em

uma “nova mulher”, isto é, a arte da aprendizagem com o cego a faz sair do princípio de realidade opressiva por meio do letramento com lirismo e fantasia.

Para escapar do princípio da realidade, Marcuse (1982, p. 35, grifo do autor), afirma que há

[...] apenas um modo de atividade mental [que] é ‘separado’ da nova organização do aparelho mental e conserva-se livre do domínio da realidade: é a *fantasia*, que está ‘protegida das alterações culturais’ e mantém-se vinculada ao princípio do prazer”.

Sendo assim, ironicamente, nota-se que a protagonista sai da “cegueira” que a fazia uma pessoa resignada e extremamente subjugada, e que agora consegue adentrar o mundo das letras, da arte, da “fantasia”, caminho este ensinado pelo seu amigo e professor cego.

Assim, Ana consegue alcançar a integração do próprio eu. Este fato vai ficando visível à medida em que a personagem central vai se impondo mais sobre a vida, sobretudo quando aprende a ler e a escrever, pois isto faz com que tenha a oportunidade de ser mais independente, bem como consciente e segura de sua integridade. Apesar de tudo o que lhe acontecera na vida, ela reconhece-se e se aceita com dignidade. Com essas habilidades adquiridas, a pulsão de vida volta a motivá-la a tal ponto de dizer orgulhosa de si mesma a Trinidad:

- Queres que eu escreva *corvos e águias*?
- Não vale a pena. És agora uma mulher letrada. Como vês estou felicíssimo!
Ana Paúcha desata a rir. Riso franco e surpreso, que vem do mar, riso antigo, do tempo que a sua garganta era um manancial inexaurível de risos. Os olhos livraram-se da catarata, herança da cadela. Os olhos são dela. Finalmente. Ela olha. Vê. (Gómez-Arcos, 2006, p. 107, grifos do autor).

Ana Paúcha aqui se reconhece Ana-Não obstinada, a memória lhe expõe a história de sua vida; no entanto, neste momento, ela enxerga com olhos fixos, firmes e recorda quem sempre foi quando volta ao seu passado, mas agora não mais com a mesma resignação de antes, porque se aceita Ana-Não, como heroína por sobreviver a tudo.

De modo a retomar a personificação da protagonista no animal ao qual encontrara em sua viagem, isto é, a cadela, é possível notar certa animalização da protagonista, a qual se expressa nas ações anteriores as de quando conhece as letras. Em comparação ao momento posterior ao letramento e do consequente aclaramento das coisas é que Ana se desvincula da “catarata, herança da cadela”. Figurativamente falando, a personagem se livra da ignorância por não ter tido acesso ao conhecimento linguístico e cultural outrora, o que refletira na falta de conhecimento holístico sobre si.

Sendo assim, a formação da personagem ocorre de modo que a faz ter firmeza frente aos acontecimentos repressivos, bem como a ter consciência do que ocorre ao seu redor e, através disto, de si mesma. Portanto, este fato é resultante de uma nova alegria, e na construção da uma identidade mais solidificada, obstinada.

Agora, assume-se Ana-Não visivelmente consciente de sua história. A memória que a representa repartida juntamente com o conhecimento que adquire a torna mais forte para o sentido do que resta de sua vida, a busca pelo filho Jesus, seu caçula. Com esse novo posicionamento frente a sua vida de morte, Ana encara com mais fixidez.

Trinidad e Ana se deslocam para diversos lugares até que a polícia o prende e ela mais uma vez se encontra só, todavia, já como se fora outra. E é com esta força que chega ao Norte. É inverno no seu tão desejado destino, e em um domingo, 17 de dezembro, Ana chega à prisão a passos lentos, mas ainda obstinados, e diz a um funcionário o motivo pelo qual estava ali: “[...] É a respeito do meu filho, Jesus Paúcha, o *menino*. Gostaria de vê-lo. Pela última vez”. (Gómez-Arcos, 2006, p. 241, grifo do autor).

O senhor funcionário abre o processo e lê para Ana Paúcha o que ali constava: “Jesus Paúcha González, membro do partido comunista espanhol (ilegal), condenado à prisão perpétua, falecido na prisão em consequência de uma epidemia de disenteria, com a idade de cinquenta e três anos. Não deixa pertences de uso pessoal”. (Gómez-Arcos, 2006, p. 242).

Ana se sente aniquilada com a notícia e, logo em seguida, o funcionário complementa dizendo que “[...] a direção da prisão enviou-lhe uma carta oficial para transmitir-lhe a triste notícia no dia 4 de junho [...] a carta foi devolvida um mês depois, com a menção: ‘Partiu sem deixar endereço’.” (Gómez-Arcos, 2006, p. 242).

Diante do exposto, tem-se que a protagonista partiu de sua casa rumo ao encontro de seu filho e quando chega ao Norte, além de não o encontrar vivo, depara-se com a sua própria morte e, com isso, chega à conclusão de que, de fato, “[...] a morte é a sua vida. A morte disfarçada de chuva, de guerra, de ausência, de miséria, de cansaço, de neve ou de morte”. (Gómez-Arcos, 2006, p. 243).

Assim que sai da prisão, Ana conhece a face de sua inimiga, come um pedaço do bolo feito para Jesus, já mofado, e em seguida a morte a tira de sua vida cheia de nãos, recheada de vazio e de solidão. Então, em uma vala comum, como ocorreu com os seus Paúchas, a protagonista foi sepultada pela neve:

A neve recomeça a cair, serena, fiel, envolvendo no seu sudário o cadáver de uma mulher chamada Ana Paúcha, de setenta e cinco anos, que foi esposa, mãe e viúva de quatro homens Paúcha, ceifados pela guerra civil espanhola e suas prisões do ódio. Nenhuma lápide perpetua estes cinco nomes:

Ana Paúcha
Pedro Paúcha
José Paúcha
João Paúcha
Jesus Paúcha
dito o *menino*

Olho nenhum os chora.
Memória alguma guarda vestígios deles.
São apenas os nomes de cinco santos sem igreja. Antenomes.
Nãos. (Gómez-Arcos, 2006, p. 247, grifo do autor).

Depois de todo o ocorrido com a protagonista, é possível concluir que sua vida, a princípio de Ana Paúcha, era impulsionada por Eros, de modo que a motivação para a conservação da vida nascia da relação familiar. No entanto, quando a guerra e a morte chegaram a sua aldeia, Thanatos se instaurou em sua vida e permaneceu latente durante trinta anos até que a morte lhe começasse a atormentar, impulsionando-a a ver pela última vez seu único filho vivo.

Na busca pelo reencontro com seu filho Jesus, a protagonista passa por vários espaços. Em tal processo, Ana-Não encontra forças para não desistir da viagem por meio da rememoração de sua vida de Ana Paucha. Assim é que seu passado é renovado, com a memória operando em seu presente através da repetição da impressão de seu antigo eu e da impressão de sua família, elementos que a identificavam.

No percurso de viagem conhece diversas pessoas de sua aldeia e especialmente Trinidad, seu mestre e cantor cego, o qual a alfabetiza e contribui para o seu desenvolvimento. O meio externo por onde percorre, assim como o conhecimento das letras, oportuniza a fabulação da protagonista, desprendendo-a de sua experiência negativa enquanto sujeito; logo, isso faz parte do processo de formação da identidade de Ana e a faz uma pessoa diferente.

Portanto, a protagonista foi formada por meio da viagem, dos lugares trilhados, bem como das pessoas encontradas, que contribuíram e determinaram a construção da integridade do “eu” solidificado de Ana-Não. Dessa forma, houve uma coerência pessoal, porém, desembocada em morte. Morte que “[...] nega redondamente a realidade de uma existência não-repressiva. Pois a morte é a negatividade final do tempo, mas a ‘alegria quer eternidade’.” (Marcuse, 1982, p. 194, grifo do autor). Sendo assim, embora Ana-Não e toda sua família

tenham encontrado a negatividade do tempo, concomitantemente, encontraram na eternidade a paz e a alegria que em vida não tiveram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar, por meio do livro *Ana-Não*, do escritor espanhol Agustín Gómez-Arcos, uma análise psicanalítica da narrativa, de modo apresentar, primeiramente, as questões relacionadas às pulsões de vida e de morte representadas por Eros e Thanatos. Outro fator trabalhado refere-se à memória como sendo ela constituidora da identidade da personagem central Ana Paúcha.

A Guerra Civil Espanhola e um governo ditatorial que perdurou em um pós-Guerra é o contexto no qual a personagem vive sua vida no embate com a morte. Partindo disso, é possível afirmar que a guerra então divide a personagem, mostrando Ana Paúcha, por um lado feliz e cheia de vitalidade, e uma Ana-Não, viúva de marido e filhos, cheia de luto, morte e solidão.

No entanto, é quando a protagonista sente efetivamente a sua morte chegar que ela decide fazer uma viagem a fim de ver, antes de morrer, o seu único filho vivo, o qual está em prisão perpétua no extremo oposto de sua moradia, ou seja, no Norte espanhol, mais especificamente no País Basco.

É por meio desta viagem que se vê com mais propriedade Eros e Thanatos impulsionarem as ações da personagem, bem como ter conhecimento da memória, a qual se representa como um fator importante como constituidora da identidade da personagem. Ademais, os retornos à memória de experiências passadas somadas às novas experiências referentes às artes e à fantasia, culminam na transformação, não mais de uma Ana Paúcha, mas sim de uma Ana-Não *resignada* para uma Ana-Não *obstinada*.

Desse modo, chegou-se à conclusão de que a construção da identidade da protagonista pensada de forma analógica com os conceitos - Eros e Thanatos -, relacionados às pulsões freudianas de vida e de morte, bem como os ritos da civilização, marcados pelas atrocidades da guerra, impressos na memória da protagonista, tem como consequência o contato dela com uma nova linguagem e com experiência fantasiosa. Esse processo desemboca na afirmação da identidade solidificada de Ana-Não, consciente e forte até para encarar sua própria morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALACID GARCÍA, Manuel Jesus. *La narrativa francófona de Agustín Gómez-Arcos a través de cuatro novelas representativas: L'agneau carnivore, bestiaire, Lâge de chair y feu grand-père*. Propuesta de análisis intercultural. 2012. 435 f. Tese (Doutorado em Literatura Europeia) - Universidad Autonoma de Madrid, Facultad de Filosofia y Letras, Madrid, 2012, p. 40-41.

DERRIDA, Jacques. “Freud e a cena da escritura”. In _____. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo. Perspectiva, 1995, p. 185-186.

FREUD, Sigmund. “Uma nota sobre o Bloco Mágico”. In _____. *O Ego e o Id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIX, p. 286.

GÓMEZ-ARCOS, Agustín. *Ana-Não*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Mundo, 2006.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana. Sobre as afasias (1891) O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, vl.1 e 2.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 153.

MARCUSE, Herbert. *Eros e a civilização*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

WAJNBERG, Daisy. “A teoria da memória em Freud”. In _____. *Jardim de Arabesco: uma leitura das Mil e Uma Noites*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 105.

Recebido em: Fev. 2024.

Aceito em: Abr. 2024.